

**UFMS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
JOSÉ EDUARDO OLIVEIRA BERGAMIN**

**“A *SENSITIVA* (1881)”: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA DE/PARA MULHERES
BRASILEIRAS NO FIM DO SÉCULO XIX**

**CAMPO GRANDE – MS
2023**

UFMS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
JOSÉ EDUARDO OLIVEIRA BERGAMIN

**“A *SENSITIVA* (1881)”: UMA ANÁLISE SOBRE A ESCRITA DE/PARA MULHERES
BRASILEIRAS NO FIM DO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do Grau de Licenciado em História
no Curso de História da Faculdade de
Ciências Humanas da Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul sob a orientação da
Professora Dra. Eliene Dias de Oliveira

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “*A Sensitiva* (1881)”: Uma análise sobre a escrita de/para mulheres brasileiras no fim do século XIX, apresentado por José Eduardo Oliveira Bergamin, como requisito parcial para a conclusão do Curso de História Licenciatura do Centro de Ciências Humanas e Sociais, após avaliação da comissão examinadora, abaixo assinada, foi considerado _____.

Comissão Examinadora

Dra. Eliene Dias de Oliveira
Orientador(a)

Dr. Losandro Antônio Tedeschi
Avaliador(a)

Dr. Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho àqueles que tornaram a criação e conclusão dele possíveis.

Primeiramente agradeço aos professores Dr. Losandro Antônio Tedeschi e Dr. Ary Albuquerque Cavalcanti Junior, por terem aceitado compor o corpo docente da banca de avaliação e defesa deste projeto.

Não obstante, sou extremamente grato a professora Dra. Eliene Dias de Oliveira, por ter sido minha orientadora na composição desta pesquisa, sempre estando ao meu lado e sempre estando disposta a me ajudar com tudo que precisei, nada disto poderia ter ocorrido sem a ajuda e amizade dela.

Por fim, também agradeço a todos os professores que estiveram comigo ao longo da jornada que foi este curso, em específico o professor Dr. Carlos Batista Prado, sua amizade e seus conselhos foram algumas das melhores memórias que guardarei com o passar dos anos que me virão.

RESUMO

O avanço de ideias progressistas, se mostra manifestado na virada do século XX nas grandes cidades brasileiras através da luta pelos direitos de grupos minoritários, pela busca de terem uma voz ativa na sociedade. Nesta pesquisa iremos adentrar na questão feminina presente na Literatura, ou seja, através da escrita literária, feita para ou por mulheres, contextualizando de qual modo as mulheres agiam em sociedade perante os desvaneios do cenário em que se encontravam. E é dessa forma que o texto culminará em seu objetivo principal, este sendo a análise do periódico “*A Sensitiva* (1881)”, um texto lançado às vésperas da Proclamação da República Brasileira composto em sua íntegra por escritoras simpatizantes da causa feminista, tal como “*E*”, que abre sua escrita com a afirmação de que não só a emancipação feminina é um direito natural, mas também divino.

Palavras-Chave: Mulheres; Periodismo; Feminismo; *A Sensitiva*.

ABSTRACT

The advancement of progressive ideas was manifested at the turn of the 20th century in large Brazilian cities through the fight for the rights of minority groups, in the quest to have an active voice in society. In this research we will delve into the feminine issue present in Literature, that is, through literary writing, made for or by women, we will contextualize how women acted in society in the face of the reveries of the scenario in which they found themselves. And it is in this way that the text will culminate in its main objective, which is the analysis of the periodical “*A Sensitiva* (1881)”, a text released on the eve of the Proclamation of the Brazilian Republic composed in its entirety by writers who sympathize with the feminist cause, such as “*E*”, who opens her writing with the statement that not only female emancipation is a natural right, but also a divine one.

Keywords: Women; Journalism; Feminism; *A Sensitiva*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CAMINHOS DA HISTÓRIA: O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO	9
1.1 A interdisciplinaridade com a Literatura	9
1.2 A História Cultural e a Micro-História	10
1.3 A questão feminina neste contexto	15
2 O BRASIL NO SÉCULO XIX E SEUS PERIÓDICOS	19
2.1 O imaginário da República no Brasil	19
2.2 Sobre periódicos do século XIX no Brasil	20
3 O PERIÓDICO <i>A SENSITIVA</i> (1881)	28
3.1 A coluna jornalística de <i>A Sensitiva</i>	28
3.2 A coluna literária de <i>A Sensitiva</i>	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
FONTES	37

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa abordará a questão feminina dentro da Historiografia Cultural, isto é, tem como seu objetivo perceber como podemos utilizar fontes ligadas a meios culturais para sintetizar uma breve visão da mulher dentro do nosso tema de estudo. Em específico, utilizaremos como fonte primária o periódico “*A Sensitiva*”, lançado em São Paulo no ano de 1881.

Iremos, inicialmente, para alcançar nossos objetivos, contextualizar os campos historiográficos que trabalham com nossa questão, utilizando como apoio principalmente de obras dos historiadores Peter Burke (2008) e Carlo Ginzburg (1989). Com isso, adentraremos no que nos possibilita fazer nossa pesquisa, ou seja, a interdisciplinaridade com a Literatura, citando Valdeci Rezende Borges (2014) e sua pesquisa acerca deste tema para complementar nossa fala. E por fim, nosso olhar será voltado para o contexto brasileiro no fim do século XIX, os periódicos produzidos neste período, e assim, terminaremos com a análise do objeto principal desta pesquisa.

A problemática principal deste texto será responder, através da análise do periódico destacado, de qual forma nós, como historiadores, podemos utilizar o contexto cultural e, intrinsecamente, os objetos de estudo ligados a ela, para compreender e sistematizar o papel e as ações dos agentes históricos em seus respectivos tempos históricos. No caso desta pesquisa, a mulher e a questão da luta feminina no meio brasileiro.

O tema foi escolhido pois a luta pela igualdade dos gêneros nunca esteve tão relevante na sociedade brasileira, devemos a todo custo utilizar de nossa voz como cientistas sociais para rebater ideais retrógrados e conservadores que pregam contra os direitos conquistados pelas mulheres e outros grupos sociais, ao longo dos anos. Através de nossa pesquisa conseguiremos perceber que a mulher como agente social luta contra a opressão presente no âmbito brasileiro e sua misoginia enraizada, desde o século XIX e, provavelmente, também antes desse período. Portanto, podemos concluir que os movimentos atuais possuem sua base assegurada pela História.

A metodologia utilizada se baseia em uma pesquisa aplicada, explicativa, qualitativa e histórica. Iremos escrever com uma base bibliográfica e documental, utilizando autores como os já citados Peter Burke (2008), Carlo Ginzburg (1989) e Valdeci Rezende Borges (2014), em conjunto com por exemplo, a pesquisadora Constância Lima Duarte (2003, 2010). Na questão de documentos, as fontes serão majoritariamente periódicos brasileiros do fim do século XIX e começo do XX, com foco maior no periódico “*A Sensitiva*”.

1 CAMINHOS DA HISTÓRIA: O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

Nesta primeira parte de nossa escrita explanaremos os conceitos teórico metodológicos em que a interdisciplinaridade com a Literatura, e por consequência o estudo de periódicos, se encontra. Dessa forma trataremos desta questão em específico para discorrer sobre a problemática central deste projeto, isto é a contextualização do agente histórico “mulher” dentro do Brasil nos meados do fim do século XIX.

1.1 A interdisciplinaridade com a Literatura

Acerca do diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura, Valdeci Rezende Borges em “História e Literatura: Algumas Considerações”, aborda o valor histórico que obras literárias possuem para a compreensão do contexto em que foram construídas. O autor nos apresenta sua visão sobre o literário no meio historiográfico, ela sendo o estudo do que vem a compor a escrita literária, o seu contexto (Borges, 2010, p. 94). Com a análise do que fora explanado, Valdeci enfatiza que todo o processo por trás da criação e, o que vem a ser o estudo de tal narrativa, tem o seu valor sócio-histórico. É percebida, então, uma tríade entre escrita, texto e leitura: os três se mostram interligados intrinsecamente, onde cada um tem sua forma de análise (Borges, 2010, p. 95).

Subsequente, Valdeci menciona o historiador Jacques Le Goff como complemento para o conceito apresentado em Georges Duby. Sua fala alega que um documento histórico, neste caso literário por exemplo, é um “produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que o detinham” (Le Goff, 1990, p. 545 *apud* Borges, 2010, p. 95). Sendo assim, o papel do Historiador se mostra novamente voltado para a busca dos porquês que levaram à escrita da narrativa trabalhada, “Se todo documento é monumento, cabe ao historiador desvelar como foi construído, a linguagem utilizada, a finalidade da edificação e as suas intencionalidades.” (Borges, 2010, p. 95). Após isso observamos como as ideias do historiador Roger Chartier (1990, p. 62-3 *apud* Borges, 2010, p. 95) se interligam com o que até aqui já fora explanado, evidenciando que a contextualização de um texto nos traz a possibilidade de compreender o meio em que este veio a ser. Logo, a problematização daquilo antes pensado como sem valor, mostra-se capaz de proporcionar novos caminhos para a compreensão de novos horizontes.

A literatura dentro deste contexto é determinada como uma criação sociocultural, possui a capacidade de registrar e expressar tanto as questões explícitas quanto subentendidas do meio em que fora concebida. Ou seja, através da narrativa se consegue construir novas realidades

embasadas no corriqueiro factual, podendo problematizar, negar, enfatizar, ou mesmo ignorar por completo seus arredores, mesmo que não intencionalmente (Borges, 2010, p. 98-99).

Borges reforça sua tese ao salientar que o cerne da problematização de obras literárias no meio historiográfico é feito olhando e pesquisando o contexto social que tal obra fora escrita. Nesse olhar, alcançamos o entendimento de que o meio sociopolítico é um dos fatores determinantes para a criação de uma obra, e que devemos levar também em consideração o autor como agente atuante no processo.

As representações do mundo social, de uma realidade, tanto objetiva quanto subjetiva, de um tempo e lugar, resultam do entrecruzamento de aspectos individuais e coletivos. O literato não cria nada a partir do nada. Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história (Borges, 2010, p. 103).

Ademais, Valdeci ressalta que a intencionalidade do escritor literário é intrínseca com o estudo dela, pois a literatura:

detém um valor temporal, histórico, o qual se pode desvelar por meio um processo de historicização, ou seja, de sua inserção no tempo e na sociedade em que foi produzida, clareando a relação de trocas recíprocas, de contatos e interações entre essas dimensões, suas aproximações e seus distanciamentos internos e externos (Borges, 2010, p. 106).

Ao observar o escritor e o meio em qual ele escreve sob uma ótica problematizadora, venhamos a ter o que o autor define como, ao mencionar Ginzburg, “a literatura, como índice e instrumento das “relações de força” (Ginzburg, 2002 *apud* Borges, 2010, p. 106) presentes numa sociedade,” (Borges, 2010, p. 106). Essas relações citadas se mostram em diferentes formas, por exemplo, autores marginalizados expondo seu cotidiano, e a forma como a sociedade os trata, em contraponto a artistas que ganham espaço e renome por compartilharem ideais com a elite de seu contexto, essa que se mostra muito das vezes excludente e preconceituosa.

A interdisciplinaridade entre História e Literatura se mostra sendo um dos caminhos que o pesquisador pode tomar ao buscar o entendimento de um contexto social, sob o olhar de um indivíduo ou grupo esquecido pela historiografia tradicional, vozes antes silenciadas agora tem a possibilidade de “conversar” com o historiador e, dessa forma, revelar outras visões de algo já estudado.

1.2 A História Cultural e a Micro-História

Ao longo do século XX vemos uma crescente mudança no meio das ciências humanas, em destaque das décadas de 1960 a 1990. Teorias como o Positivismo (que prezava pela imparcialidade do historiador e o uso de fontes ditas “oficiais” como única possibilidade), que já estavam em desuso, começam a perder mais espaço no âmbito acadêmico, o foco dos pesquisadores se via voltado, nesse momento, para questões não presas somente à política e à economia. Peter Burke em “O que é História Cultural?”, explana que, nas décadas de 80 e 90 do século XX, é notável a busca por elementos culturais no campo historiográfico, com isso esse “novo historicismo” começa a agregar historiadores da arte e literatura com os “comuns/normais” (Burke, 2004, p. 30-31).

Nesse contexto, Peter Burke explana que essa nova vertente historiográfica vem com a intenção de compreender os acontecimentos econômicos e políticos ao longo das eras, através da cultura, ou, das “explicações culturais” como denota o autor. Para exemplificar sua fala, Burke cita os artigos “*The decline of Spain*” de John Elliott e “*Culture and Anarchy in Ireland, 1890-1939*” de F.S. Lyons, ambos utilizando da cultura como base para o entendimento dos contextos econômicos e políticos de seus respectivos temas. Por fim, devemos salientar, segundo o autor, que o conceito de “Cultura” no meio historiográfico passa por mudanças, desde sua introdução até meados do presente, onde se referia apenas às altas classes e agora englobava as partes mais subalternas da sociedade (Burke, 2004, p. 32).

Para a compreensão de nosso texto, não podemos deixar de citar a fala de Burke acerca da Micro-História. O autor salienta a ascensão, ou como explana, a definição desta vertente historiográfica na década de 1970 através de um grupo de historiadores italianos, como Carlo Gizburg e Giovanni Levi. Este novo gênero historiográfico, de acordo com Burke, possui três maneiras para a compreensão de sua formação. O primeiro alega uma reação perante às vertentes da História econômica, totalizante e determinista que não se importava com as particularidades de cada contexto; o segundo se baseia no encontro da História com a Antropologia, este que ocasionou na troca de pensares, em específico o espaço para a cultura que a Antropologia proporcionava; o terceiro, por sua vez, nos fala novamente sobre um movimento reacionista, porém desta vez contra a dita “narrativa grandiosa”, essa sendo uma visão sequencial sobre o progresso social, tendo em seu núcleo o caráter eurocentrista (Burke, 2004, p. 42).

Em primeiro lugar, a micro-história foi uma reação contra um certo estilo de história social que seguia o modelo da história econômica, empregando

métodos quantitativos e descrevendo tendências gerais, sem atribuir muita importância à variedade ou à especificidade das culturas locais. [...] Em segundo, a micro-história foi uma reação ao encontro com a antropologia. Os antropólogos ofereciam um modelo alternativo, a ampliação do estudo de caso onde havia espaço para a cultura, para a liberdade em relação ao determinismo social e econômico, e para os indivíduos, rostos na multidão. O microscópio era uma alternativa atraente para o telescópio, permitindo que as experiências concretas, individuais ou locais, reingressassem na história.

Em terceiro lugar, a micro-história era uma reação à crescente desilusão com a chamada “narrativa grandiosa” do progresso, da ascensão da moderna civilização ocidental, [...]. Essa história triunfalista passava por cima das realizações e contribuições de muitas outras culturas, para não falar dos grupos sociais do Ocidente que não haviam participado dos movimentos acima mencionados (Burke, 2004, p. 42).

A partir desse olhar, é possível compreender o que a vertente da Micro-História propaga. Sendo assim, podemos pensar neste paradigma historiográfico como parte da História Cultural, este que aborda e abraça mesmo a mais minuciosa fonte e objeto de estudo, entendendo que através desta, podemos construir um entendimento do contexto que estamos estudando.

Burke termina a sua fala acerca deste tema explanando que, após a década de 1970, notamos um impulso na variedade de assuntos abordados dentro de trabalhos historiográficos, focando no individual e local e, com isso, progressivamente, objetos antes taxados como sem importância vão sendo escolhidos como bases de pesquisa (Burke, 2004, p. 43), em específico para nossa discussão, a questão de gênero e o feminismo.

Para contextualizar como a questão de gênero passa a ser estudada na Historiografia, Burke nos apresenta uma decorrência vinda pela Micro-História, essa sendo o olhar dos historiadores para o Oriente perante o Ocidente, mais precisamente como devemos acabar com o estigma colonialista do “nós” em contraponto com o “outro”. Isso se dá, por exemplo, com a obra “Orientalismo” (1978) de Edward Said. O estudo do feminismo na História está vinculado com este movimento que preza pela inclusão de objetos marginalizados ao longo das eras, e como estes contribuíram para o meio que participavam (Burke, 2004, p. 43-44).

O feminismo, dentro da História Cultural, serviu como uma forma de se afastar da historiografia tradicional que apenas visava os grandes homens, tanto como também possibilitou a busca pelo tópico da mulher e suas ações sociais na História. Burke nos apresenta como base bibliográfica para uma melhor compreensão deste conceito em expansão os cinco volumes da obra *Mulheres no Ocidente* (1990-02) escritos e organizados pelos historiadores Michelle Perrot e Georges Duby, salientando que:

A obra inclui muitos ensaios sobre história cultural — a educação das mulheres, por exemplo, as visões masculinas a respeito das mulheres, a piedade feminina, mulheres escritoras, livros sobre mulheres e assim por diante (Burke, 2004, p. 44).

Dentro deste novo contexto, a mulher começa agora a “participar” dos eventos históricos, sua influência é vista e respeitada em comparação com seu apagamento de outrora. A pesquisa retratando a mulher como agente historiográfico principal foi capaz de impulsionar mudanças significativas na História. Podemos observar isto na exemplificação de Burke acerca da obra “*Did women have a Renaissance?*” de Joan Kelly, (artigo que através de relatos femininos sobre humanistas e escritoras ajudou a redefinir, segundo Kelly, o termo “Renascença” que conhecemos hoje). Segundo o autor, com esta pesquisa houve uma busca maior pelo tópico, e, conseqüentemente, uma longa série de estudos sobre a mulher durante este período. Estes então puderam nos ajudar a mover a perspectiva para tópicos além dos convencionais. Desta forma sabemos que, por exemplo, dentro do meio renascentista, as mulheres eram em maior parte patronas das artes do que artistas (Burke, 2004, p. 44-45).

Sequencialmente, vamos entender um pouco o que é a Micro-História, para isso utilizaremos o já mencionado historiador Carlo Ginzburg e sua obra “*Mitos, Emblemas, Sinais Morfologia e História*”. Para o começo de nossa fala acerca deste tópico, vale ressaltar a citação do autor à J. Jhons “Um objeto que fala da perda, da destruição, do desaparecimento de objetos. Não fala de si. Fala de outros. Incluirá também a eles?” (Ginzburg, 1989, p. 143).

Segundo Ginzburg, no fim do século XIX vemos as primeiras instâncias desta nova vertente. Isso ocorre entre 1874 e 1876 com a revista alemã *Zeitschrift für bildende Kunst*, essa que explana sobre as obras e o método de análise da arte pressuposto pelo historiador Giovanni Morelli (Ginzburg, 1989, p. 143-144).

O autor traz à tona a explicação de Morelli sobre sua tese no meio artístico. Segundo o Historiador, a identificação de obras de arte neste período se mostrava falha, pois devido aos fatores físicos ligados à questão da preservação, se encontrava certa dificuldade em identificar os autores originais. O costume então era verificar as características mais visíveis para buscar a quem pertencia àquela tela. Morelli vai de encontro com esta prática, alegando que através dos pormenores e minúcias, estes menos influenciados pela escola a qual o autor pertencia, poderíamos ter uma melhor percepção para identificá-lo (Ginzburg, 1989, p. 144).

Desta forma Morelli conseguiu atribuir uma série de novos olhares para as obras nos museus da Europa. Por exemplo, graças ao trabalho do Historiador, foi possível observar uma Vênus presente na galeria de Dresden, esta que era pensada ser uma cópia de uma pintura

perdida de Ticiano feita por Sassoferrato e, segundo Ginzburg, descobrir que na verdade a obra era uma das poucas obras de autoria do artista Giorgione (Ginzburg, 1989, p. 144).

Sequencialmente Ginzburg traça um paralelo entre Morelli, Freud e Sherlock Holmes (com base em seu criador Conan Doyle), os interligando na questão semiótica que permeia a Micro-História. Os três homens possuíam um passado na área da medicina, e com isso seu entendimento do minucioso se destacava dentro de suas obras e pesquisas no ramo das Ciências Humanas. O foco de Morelli e Doyle, através de Holmes, nos pequenos detalhes do corpo humano para alcançarem seu objetivo e a busca pelos pormenores do inconsciente de Freud andam de mãos dadas, e conseguem criar uma base para compreendermos mais como a vertente historiográfica aqui destacada trabalha, tendo o foco pelo individual como questão central (Ginzburg, 1989, p. 146-151).

Outro tópico trabalhado pelo autor, é a demonstração de como a História oral, e consequentemente o pequeno e particular, foi perpetuada no âmbito da caça pelo ser humano. Segundo Ginzburg neste contexto encontramos o conhecimento sendo compartilhado e mantido vivo através de contos e fábulas passados de geração em geração. Ele nos exemplifica este contexto através da fábula “Três Irmãos”, provinda do leste asiático. Nela, os protagonistas encontram um homem que perderá seu animal de transporte e, mesmo sem nunca ter o visto, são capazes de descrevê-lo sem problemas nenhum, isso ocasiona no julgamento dos irmãos por roubo. O que devemos levar em conta, entretanto, é a capacidade dos personagens de tecer um contexto com conhecimentos supostamente inúteis, e, portanto, negligenciados (Ginzburg, 1989, p. 151).

Para o historiador, a análise do caçador serve como uma metáfora para o processo historiográfico. Enquanto um analisa rastros, fios de pelo, carcaças e bolas de estercos para deduzir o que aconteceu em sua área de caça e o que estão caçando, o outro através de literaturas antes ignoradas, alimentação das classes, música, sexualidade, enfim, do individual e da semiótica, consegue então compreender o contexto e como se habituava o seu objeto de estudo em seu meio social.

Ginzburg finaliza sua fala interligando a escola historiográfica trabalhada com o processo das Ciências Humanas, desde sua primeira formalização no século XVIII, relembrando os autores e contextos já trabalhados. Morelli utilizou de pormenores para encontrar os verdadeiros artistas por trás de obras pensadas já compreendidas; a psicanálise acredita que através dos menores detalhes de uma *psique* é possível descobrir traços da mente de um indivíduo outrora desconhecidas; o historiador tem a possibilidade de analisar objetos

esquecidos e apagados, assim conseguindo tecer com maior profundidade uma pesquisa sobre um tópico antes achado completamente entendido (Ginzburg, 1989, p. 177).

Mas o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la (Ginzburg, 1989, p. 177).

Como pudemos observar, a historiografia com o decorrer do tempo e das sociedades, sempre busca novos paradigmas de estudo, novos caminhos antes não trilhados que podem ajudar na compreensão de contextos achados majoritariamente completos. A Micro-História e a História Cultural se apresentam como vertentes enfocadas nos detalhes despercebidos, nos grupos esquecidos, nos costumes banalizados. Afirmamos isto pois como fora dito por Aby Warburg: “Deus está no particular”. Sendo assim, para nossa pesquisa, vamos adentrar um pouco mais na questão do diálogo que o estudo da cultura nos proporciona, utilizando da interdisciplinaridade com a Literatura para assim compreendermos como a questão de gênero se encaixa dentro dos movimentos sociais literários.

1.3 A questão feminina neste contexto

Um dos grupos que se encontram sob esse silenciamento, em termos da história ocidental e, em específico para nossa pesquisa, a brasileira, é a mulher. Na historiografia, ao tratarmos da tradicionalista, vemos um apagamento e esquecimento deste agente. Porém com o avanço de vertentes, como a História Cultural e Micro-História, vemos uma ascensão na busca pela voz feminina e seu papel como agente presente nas relações sociais.

Ao tratarmos da questão feminina na interdisciplinaridade entre História e Literatura, podemos citar a pesquisa de Jislene Batista da Silva acerca de Jane Austen e sua obra “Orgulho e Preconceito”, onde a autora busca contextualizar o tópico de gênero (e como ele pode ser estudado dentro de nosso objeto de discussão) no seio de uma sociedade retrógrada e machista como a britânica do século XIX, onde fora escrito a obra.

Segundo a autora, devemos levar em consideração como a mulher era vista no contexto em que Jane Austen escreve sua obra. Eram vistas como, principalmente, inferiores no meio

intelectual, suas ações seriam guiadas por sentimentos contrários à razão e por essa questão, não tinham espaço em áreas como a política e acadêmica. No âmbito historiográfico este padrão se mantém, a História só se mostra interessada no que, como e porque os homens faziam (Silva, 2021, p. 7).

Michelle Perrot (2007, *apud* Silva, 2021, p. 7) explica que as obras femininas europeias começam a surgir entre o fim do século XIX e ao longo do XX, como resposta aos empasses sociais que as mulheres deste contexto sofriam. O impedimento ao fácil acesso aos meios que compunham a sociedade deste momento, fizeram da escrita uma forma de escape em prol da liberdade. A autora enfoca que o processo para com que esta nova leva de escritoras e leitoras fosse aceita, foi árduo, lento e não significava a garantia da igualdade, mas já se mostrava como uma evolução em contraponto a outrora.

Sendo assim, a autora conceitualiza outro ponto de sua tese, destacando a distinção entre escrita feminina e obras feitas por mulheres. Silva relata que:

é possível compreendermos que a escrita feminina trouxe uma forte transformação no âmbito literário, na qual, surge um novo olhar sobre as produções literárias produzidas por mulheres. Algo que veremos ganhar maior visibilidade a partir da década de 60, do século XX, através do ativismo político de algumas mulheres americanas. Assim, ainda que tenha surgido críticas ao que se chamou escrita-feminina, pesquisas a favor do conceito e revisões dos estudos literários masculinos passaram a ser produzidos. Uma vez que, a escrita feminina nem sempre foi produzida por mulheres, onde muitos teóricos entendem por escrita feminina toda aquela que traz as marcas do feminino, podendo ser escrita por homens e mulheres. Contudo, existe a clara distinção entre o que é a autoria feminina, e o que é a escrita produzida por mulheres (Nascimento, 2011 *apud* Silva, 2021, p. 8-9).

Em suma, a escrita traz para as mulheres a possibilidade de ter uma voz ativa na sociedade, mesmo que por vezes através do anonimato (o que tinha como principal objetivo garantir a segurança de seu uso). Os anseios e opiniões dessas autoras agora poderiam ser expostos para o público, e, dessa forma, teriam o poder de agir contra as estruturas que prendiam o pensamento conservador do seu meio.

A partir do exposto aqui, ainda que brevemente, percebe-se que as obras literárias produzidas por mulheres trazem não somente um novo olhar sobre como foi o passado histórico, mas sim, que antes do século XX, aquelas que tinham acesso ao saber, a escrita, quando escreviam, expressavam em suas obras seus pontos de vista sobre a sociedade a sua volta, ou como desejavam que a mesma fosse (Silva, 2021, p. 9).

No âmbito da historiografia brasileira, podemos citar a obra “Literatura e História no romance feminino do Brasil no século XIX: Úrsula”, onde a autora Eleuza Diana Almeida

Tavares (UESB) discorre sobre o contexto interdisciplinar através da escrita de Maria Firmina dos Reis. A figura de Maria representa, segundo a autora, um marco para a historiografia interligada à literatura, pois ela representava grande parte das minorias marginalizadas neste período e estava submetida às ações e decisões políticas que se mostravam contra sua existência (Tavares, 2007, p. 1).

Tavares discorre sobre o período histórico que Maria estava inserida, e de como ele é necessário para se compreender suas obras. Vemos neste contexto o encontro de ideias higienistas eurocêntricas com o pensamento machista de inferioridade da mulher em toda sua força patriarcal, a escritora, sendo uma mulher afrodescendente, nordestina e pertencente a uma das classes subalternas, utiliza de sua escrita para refletir e trazer atenção acerca das injustiças e situação dos grupos minoritários que pertencia durante o reinado de D. Pedro II e no que viria a ser o governo republicano.

Em 1859, em pleno regime escravista, no momento em que as teorias científicas ratificam a inferioridade da população africana e afro-descendente, bem como a incapacidade feminina para tratar sobre as questões de fórum público, uma mulher afro-descendente, nordestina, de origem humilde, elaborou um discurso precursor no cenário do romantismo brasileiro, tornando públicas as condições a que estavam submetidos o negro e a mulher na sociedade brasileira. Produziu a autora um discurso que possibilitava aos marginalizados o direito a contar sua história, buscando a empatia com seu público leitor (Tavares, 2007, p. 1).

O século XIX nos apresenta a mulher como um agente que busca, através da escrita, expressar seu particular para o público. Em uma sociedade patriarcal onde apenas o homem detém direitos de agir e pensar no âmbito público, o ato de escrever se mostra como uma forma de resistência e vontade de quebrar com a estabelecida ordem social. A literatura feminina age tanto como obra artística, quanto manifestação em prol da voz de classes subalternas.

O exercício da escrita foi para as mulheres do século XIX, sem dúvida, uma forma de romper os limites entre o privado e o público, sendo o primeiro o único local aceitável para uma mulher. Escrever constitui-se como uma ação de transgressão, que ultrapassa os limites sociais acordados por uma sociedade conservadora e escravagista (Tavares, 2007, p. 2).

Tavares nos apresenta que a obra de Reis age dentro deste contexto transgredindo as bases sociais que se empenhavam em desmoralizar a figura da mulher nas áreas fora do ambiente doméstico. A base social do Brasil nos oitocentos se sustentava na submissão de todos os grupos sociais ao homem branco. Buscam então quase todas as escritoras, que compunham uma luta contra essas ditas normas sociais, formular um afronte direto a aquilo que se levava

como “normalidade”, pois se era propagado que naturalmente o papel da mulher era o familiar, enquanto ao homem se agregava todo o resto (Tavares, 2007, p. 3-4).

Interdição a fala, interdição a escrita. Como mulheres as escritoras receberam uma educação que lhes vedava importantes setores da linguagem e o imaginário. Educadas como meninas, para os papéis específicos do lar, com condutas amorosas delimitadas, era-lhes negada uma cultura superior, o emprego e a carreira (Telles, 1987, p. 52 *apud* Tavares, 2007, p. 4).

No caso de Maria Firmina vemos um agravante à mais perante todo este contexto, pois, sua escrita se estende para todo um meio decolonial, onde a opressão se estende para além da questão de gênero. O racismo e o preconceito sofrido pela população afrodescendente brasileira, são temas principais da obra, sendo intrínsecos aos personagens e o desenrolar de suas tramas. Reis vai de encontro diretamente contra a cúpula da elite brasileira e o que era propagado como o normal para aquele meio (Tavares, 2007, p. 5).

Com estes tópicos destacados, podemos concluir que a escrita feita e pensada por mulheres ao longo dos contextos sociais, é utilizada como ferramenta revolucionária contra as normativas que se opunham contra suas existências em tudo aquilo que se propagava reservado para homens. Tanto em âmbitos europeus quanto nos brasileiros, a literatura feminina busca romper os laços que o privado criou, levando o contexto familiar e suas injustiças para todos aqueles que buscam ler sobre tal tópico. A crítica se mascara dentro da arte, conscientizando enquanto escapa da censura e do apagamento.

Dessa forma, compreendemos a Literatura não como algo focado apenas no imaginário fora da realidade, mas sim como uma provedora de chaves para a compreensão de meios sociais permeados pela escrita focada no macro. O historiador, portanto, deve compreender o que levou os autores/autoras a escrever o que escreveram, e ao mesmo tempo associar tais escritas com o contexto pesquisado.

Subsequente no próximo capítulo, iremos introduzir estes conceitos de contextualização no âmbito social brasileiro no final do século XIX, passando por como a sociedade se encontrava, e de que maneira a escrita literária se soma a tudo, em específico os periódicos deste período.

2 O BRASIL NO SÉCULO XIX E SEUS PERIÓDICOS

No segundo capítulo de nossa pesquisa traçaremos uma linha de raciocínio contextualizando o cenário sociopolítico do Brasil no fim do século XIX, enfocando como se encontravam os grupos ostracizados pela elite brasileira, para dessa forma relacionarmos o objeto do periodismo com a realidade que o englobava.

2.1 O imaginário da República no Brasil

Podemos pensar no século XIX nas Américas, como um período demarcado principalmente por processos de cunho revolucionário, temos por exemplo o começo da guerra de independência do México em 1810. No caso de nossa pesquisa, focaremos no processo que levou à Proclamação da República no Brasil em 1889, dessa forma poderemos compreender como o papel da escrita feminina se encaixa~~va~~ neste contexto e qual era a situação social das autoras que vêm a escrever suas obras.

Vemos desde o começo da formação de uma ideia republicana no Brasil, uma série de promessas de reformas sociais, uma busca por uma inclusão de grupos minoritários no cenário de cidadania. A mulher, o negro e o indígena teriam seu lugar como iguais daqueles que compunham os núcleos de importância social. Somado a essa questão vemos uma ânsia por estabilidade política, o que viria com a quebra com o governo monárquico. O que veio a acontecer, no entanto, nos anos iniciais de república, completo inverso destas questões. Como explana Renato Lessa, em “A invenção Republicana”: o tumulto dos primeiros anos republicanos é virtualmente o avesso à narração sistematizada (Lessa, 2015 p. 49).

A ideia da República vem a ser tão importante quanto o ato em si, a busca pela oficialização deste processo se enquadra em uma questão de normalizar socialmente o ocorrido, pensar nele como algo totalmente planejado, enquanto exclui todas as aleatoriedades e acasos. Neste contexto da formação do sentimento nacionalista, percebemos nos agentes destacados e mencionados, as intenções por trás~~de~~ certos grupos em detrimento e apagamento de outros.

No caso da República, a batalha era tão importante, se não mais que a própria proclamação, um evento inesperado, rápido, incruento. Estavam em jogo a definição dos papéis dos vários atores, os títulos de propriedade que cada um julgava ter sobre o novo regime, a própria natureza do regime.

O fato de ter sido a proclamação um fenômeno militar, em boa parte desvinculado do movimento republicano civil, significa que seu estudo não pode, por si só, explicar a natureza do regime (Carvalho, 1990, p. 35).

Este fenômeno de ideias acerca do nacionalismo se mostra presente na formação de inúmeros Estados Nações do Ocidente moderno, como afirma Gino Germani:

As atitudes nacionalistas e ainda o sentimento de pertencimento a uma nação, começaram sendo características das classes alta e média (daí, entre outras coisas, suas vinculações tradicionais com as posições de direita); somente mais tarde os sentimentos nacionalistas se difundem nas classes populares (Germani, 1960, p. 54).

O que vemos então na Proclamação da República brasileira, é a criação do sentimento nacionalista de uma elite para seus iguais, a delimitação do que é ser brasileiro, de quem é digno de ter esse título e, quem não se enquadra neste grupo. Sendo assim, presenciamos uma continuação dos preceitos sociais do período monárquico, este com todos seus estigmas baseados na falta de alteridade.

2.2 Sobre periódicos do século XIX no Brasil

Os avanços dos ideais republicanos no Brasil, em São Paulo mais especificamente para nosso atual tópico, trouxeram uma série de mudanças no meio social brasileiro, atingindo todas as classes presentes neste contexto. Uma de tais mudanças, fora uma nova sistematização do ensino público, pois, como praxe para contextos nacionalistas, a educação é uma das principais formas de concretizar o amor ao Estado entre a população. Adriana Aparecida Pinto em “CONTRIBUIÇÕES DA IMPRENSA PERIÓDICA ESPECIALIZADA PARA OS ESTUDOS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: a revista A Eschola Publica e as disputas pela hegemonia do campo educacional paulista (1893-1897)” nos apresenta que:

Proclamada a República, uma das primeiras iniciativas de Prudente de Moraes, à época (1889-1890) governador da Província de São Paulo, quando assume a presidência do Congresso Nacional Constituinte (1890-1891), resultou na radical reforma da instrução pública, a fim de implantar solidamente no espírito do povo os princípios democráticos da nova forma de governo (REIS FILHO, 1981, p. 14-19). A instrução que passa a ser ministrada deste período em diante tem suas formulações didático-metodológicas balizadas a partir do modelo europeu, produzindo assim “hábitos, idéias, gostos, maneiras de pensar, agir e sentir [que] referiam-se diretamente à sociedade européia.” (Costa, 1980, p. 21 *apud* Pinto, 2008, p. 97).

Sendo assim, neste contexto vemos o periódico “A Eschola Publica” sendo apresentado para a sociedade paulista em tal momento. Neste contexto, a educação pública tem como seu objetivo principal agora difundir os ideais do que seria um cidadão republicano, enquanto visa atualizar sua metodologia de ensino com novas vertentes que podem auxiliar no aprendizado.

A revista em questão é utilizada entre os educadores como uma forma de disseminar como estes deveriam agir dentro deste novo meio de acordo com as mudanças sociopolíticas que estavam acontecendo. Adriana também nos apresenta que houve aumento no desenvolvimento do nível de escolarização no Estado de São Paulo no mesmo período que consta a publicação da revista *A Eschola Publica*, baseando sua fala no que está registrado nos Anuários de Ensino ao espaço destacado (Pinto, 2008, p. 98-100).

Devemos destacar que o que fora falado até o momento se baseia apenas no aspecto positivo deste período, quando falamos especificamente do ambiente escolar paulista, mas as mudanças ocorridas trouxeram também uma grande instabilidade no que diz respeito a como o profissional da educação deveria agir com o que lhe fora instruído, com a necessidade de introduzir e se acostumar com novas metodologias progressistas de ensino. O papel da revista *A Eschola Publica* se mostra tendo seu valor reconhecido neste contexto, como mostra a fala de Arthur Raggio Nóbrega trazida por Pinto:

o professorado paulista desunido, precisa de um orgam que o dirija, de um centro que o oriente, de uma verdadeira folha de combate, em que pugne por seus interesses, em que planteie os seus brios, em que espalhe em que diffunda sua atividade intelectual e moral - cumprindo sua missão, santa, nobre, grandiosa, augusta, imorredoura! (*EP* n. 2, 1893 *apud* Pinto 2008, p. 104).

Além desta questão, a autora fala que:

A revista *A Eschola Publica* surge, portanto, como “menina dos olhos” aos normalistas do período, mesmo sendo portadora de um discurso que ora compactua com iniciativas e práticas do poder público ora tece críticas contundentes relativas ao descaso com relação à instrução por parte dos responsáveis pela sua organização, ainda sim não deixa de modo algum de ser eloqüente. Signatária de um ‘nacionalismo paulistano’, conforme qualifica de De Luca (1999, p. 308), esta revista pode ser tida como “testemunho pungente e encorajador contra as simplificações impostas por um determinado discurso histórico” (De Luca, 1999, p. 308 *apud* Pinto, 2008, p. 104).

Com tudo que fora explicado, o leitor pode imaginar que o progresso da República no Brasil. A base da educação na sociedade se ampliou para além das classes que outrora tinham acesso a ela, porém como nos mostra Carvalho (1989), a cidadania republicana se manteve nos círculos internos da elite brasileira. Isso, entretanto, não significa que os educadores brasileiros não se limitaram a tal situação, buscando a real implementação das metodologias progressistas citadas anteriormente.

A autora nos reafirma que essa visão progressista se mostra na revista em foco, como podemos ver:

é com imensa satisfação que observamos o movimento que se tem ultimamente desenvolvido por parte do ensino primário. Similhante manifestação honra sobre modo o nosso pujante Estado, apresenta um aspecto extremamente auspicioso para a causa que defendemos e coincide com a posse do poder estadual num governo que tem procurado erguer o ensino popular a altura que merece tal ramo do ensino publico pugnando assim pelos interesses dos pequeninos, dos cidadãos do amanhã, e consolidando por esta fôrma ás instituições democráticas. Mas não bastam a iniciativa particular e a boa vontade do Governo do Estado: é necessário também que os municípios tragam seus contingentes para a gloriosa campanha encetada, pois, que são elles directamente interessados nas difusão do ensino popular (*EM* n. 3, Editorial, 1893 *apud* Pinto, 2008, p. 106-107).

Subsequente, Pinto salienta a questão política da República dentro do meio educacional, isto é, do uso da educação para difundir os ideais republicanos nos alunos para torná-los cidadãos amantes de sua pátria. A autora afirma que “A educação tinha, de acordo com a ideologia republicana, portanto, a função de moldar o povo conforme os anseios da elite que estava no poder” e “O sonho da República era espalhar as luzes da instrução para todo o povo brasileiro, buscando a democratização da sociedade”, mas que no contexto brasileiro este anseio não veio a se concretizar (Pinto, 2008, p. 107).

Neste contexto que vemos a solidificação da importância da educação para a solução dos problemas sociais. Vemos tal questão em A Eschola Publica de tal forma:

a República encontrou um povo de analphabetos e na pequena porcentagem de alphabetados reina a maxima insciencia de leis civicas e moraes, o mais negro desconhecimento e desrespeito a tudo quanto é para engrandecimento intellectual do povo (...) associar, pois governo, povo e professores na grande obra da solidificação da República pela educação popular - tal é o grande serviço que os inspectores de districto poderão prestar a nosso Estado, si souberem usar com prudencia a autoridade com que a lei os investiu (EP n. 5, 1893 *apud* Pinto, 2008, p. 107).

Desta forma, podemos indagar que um dos objetivos principais da educação Republicana, baseando-se em todo processo que passara, foi a busca pela introdução de classes mais subalternas no meio educacional, mesmo com a perpetuação do amplo acesso e qualidade permanecendo com a elite. A base para o cálculo do sucesso educacional se mostrava na alfabetização do povo brasileiro, na formação de hábeis cidadãos. Sendo assim, o periódico A Eschola Publica, como nos mostra Pinto:

se inscreve, que se constata o mais intenso esforço de racionalização político-administrativo no governo de São Paulo. Como parte deste processo organizou-se o ensino público paulista (Reis Filho, 1981 *apud* Pinto, 2008, p. 110).

No âmbito do estudo de gênero na historiografia, percebemos uma constante busca por fontes escritas por mulheres, sendo elas periódicos, revistas, cartas, entre outros. Se agregando com a História Cultural, a construção das sociedades, em específico para nossa pesquisa, a brasileira do fim do século XIX, através da visão feminina, se mostra um tópico em crescente ascensão.

O chamado *Bello Sexo* se mostra como uma constante no meio literário voltado para mulheres, sendo presente em diversas obras que se estendem ao longo do fim do século XIX e começo do XX. Destacamos também que este padrão chamativo é visto em foco nas cidades mais demograficamente densas do Brasil, por exemplo São Paulo, mas ocorre também em outras capitais brasileiras.

Dentro desta questão, a História Cultural nos apresenta então uma crescente busca pela escrita feminina no ramo historiográfico durante a década de 80. Duarte (2016, p. 17-18) sintetiza esta questão, apresentando como o periodismo feminino começa a ser estudado mais a fundo no período citado, utilizando destas fontes para perceber como a mulher se encaixava socialmente no Brasil do fim do século XIX. Percebemos com isso que a questão da luta em prol dos direitos da mulher se mostra presente no âmbito social brasileiro mesmo a séculos atrás, vemos o protagonismo feminista utilizando de sua voz contra as opressões sofridas por um grupo multicultural como a mulher (Cavalcante, 2017, p. 2).

Então, com tal questão solidificada, agora poderemos adentrar no conceito da escrita da mulher brasileira do século XIX em periódicos com o contexto do período em mente. Com isso, Cavalcante (2017, p. 6) propõe apresentar sua tese acerca do feminismo interligado com o periodismo no Brasil. De início, segundo a autora, por exemplo, vemos a figura de Josephina Álvares de Azevedo comentando e expondo a situação do analfabetismo feminino em seu jornal *A família* em 1885, ao afirmar que "de seis milhões de senhoras, cinco milhões trezentas e vinte e cinco mil são analfabetas" (1888a, p. 1 *apud* Cavalcante, 2017, p. 6).

Cavalcante sintetiza que este fenômeno social se apresenta como uma forma de controle contra o grupo em qual a mulher se encontrava. O analfabetismo tem a intenção de alienar socialmente o sexo feminino do processo de cidadania em si. Fora do particular é visto outros graus de repressão, por exemplo a constante vigia da mulher em espaços públicos, onde qualquer ato entendido como indevido era reprimido (Cavalcante, 2017, p. 6).

Em especificidade sobre a região paulista, Cavalcante apresenta os principais periódicos voltados à mulher, que podemos encontrar dentro deste contexto, de tal modo:

No Estado de São Paulo, durante os oitocentos, circularam ao menos 14 periódicos voltados para as mulheres, sendo eles: *Manual das brasileiras* (1830), *A violeta* (1848), *A sensitiva* (1881), *A violeta* (1887), *A família* (1888-1894), *Jornal das damas* (1890), *A camélia* (1890), *A mensageira* (1897-1900), *Cecy* (1898), *O amor* (1898), *Álbum das meninas* (1898-1901), *Ave Maria* (1898), *O ramilhete* (1898-1901) e *A pérola* (1899) (Duarte, 2016, p. 31-35 *apud* Cavalcante, 2017, p. 9).

Vejamos uma breve análise de *A família* (1888-1894) e *A camélia* (1890), sintetizando seus conteúdos e objetivos com auxílio da obra de Cavalcante:

[...] *A família* e *A camélia*, que como já afirmado, destacam-se por possuírem várias mulheres como redatoras, além de serem abertos a novas colaborações femininas, trazerem textos literários, pequenos artigos sobre acontecimentos culturais da cidade, aforismos e serem destinados, primeiramente, às mulheres e, subsequentemente, suas respectivas famílias. Contudo, nota-se que possuíam propósitos distintos, e em certos momentos, até mesmo contrários, pois enquanto um geralmente buscava conscientizar, o outro buscava comumente entreter (Cavalcante, 2017, p. 14).

Sendo assim, o exemplar de 18 de novembro de 1888 do periódico *A família* já demonstra de início sobre o que se propõe a tratar, isto no caso sendo o incentivo para mães buscarem a educação. Cavalcante (2017, p. 14) nos informa que essa questão se baseia na ideia de que a mãe é um pilar da sociedade, então se a figura materna é educada, logo sua prole também será, construindo dessa forma uma sociedade melhor. A autora também consta que o jornal não se limita apenas ao ideal de educação matriarcal, afirmando que isto é um pilar para a emancipação da mulher.

Outro ponto destacado neste exemplar, é a convocação de mulheres para formação de núcleos que lutariam para assegurar seus direitos. Cavalcante seleciona um trecho que aborda tal questão, enquanto ironiza a situação da mulher como grupo social no Brasil.

Na Irlanda existe uma grande associação de senhoras, dirigida por Anna Parnell, a qual tem por fim trabalhar pela autonomia irlandesa de acordo com a Liga Agrária. No Brasil, existe uma sociedade de dança, dirigida por senhoras. Sempre é alguma coisa! (Bernier, 1888, p. 8 *apud* Cavalcante, 2017, p. 14).

Conseguimos perceber já nesta edição de *A família*, a busca pela dispersão dos ideais da luta feminista no território brasileiro, nas vésperas da Proclamação da República, destacando que os nomes das autoras se mostram expostos em sua íntegra. Veremos mais adiante como que tal questão é abordada em *A sensitiva*, nosso periódico principal, com sua versão digitalizada sendo publicada em 1881.

Na escrita de *A camélia*, a elaboração de conteúdos opostos a aqueles encontrados *A família*, suas composições eram feitas por senhoras escritoras que utilizavam de seu espaço na literatura para promover eventos e bailes na região paulista. Ambos os periódicos são publicados no mesmo período e, como pudemos ver, Bernier e suas compatriotas usam de sua voz para criticar esta perpetuação do *status quo* brasileiro (Cavalcante, 2017, p. 17).

Podemos afirmar que é evidente a presença dos ideais feministas dentro da sociedade brasileira no fim do século XIX. Vemos dentro destas fontes também como os setores mais conservadores já reagiam a pensamentos socialmente revolucionários. Enquanto *A família* se mostra em prol da quebra dos laços sociais que prendiam a mulher naquele momento, *A camélia*, lançada no mesmo período e na mesma região paulista, vai de encontro diretamente com o que é defendido por Josephina Bernier, dentre todas outras autoras. No jornal de Josephina encontramos falas abertamente progressistas em prol da mulher, enquanto em seu contemporâneo, o *status quo* da mulher é perpetuado.

O periodismo feminino se estendeu para regiões além de São Paulo, por exemplo, Minas Gerais também nos apresenta uma vasta gama de publicações voltadas ao *Bello Sexo*. Neste contexto, Mendes (2005, p. 1 *apud* Souza, 2018, p. 2) salienta que a imprensa no território mineiro se estabelece posterior que de outros estados, e que sua composição se mostra mais moderada que de províncias vizinhas. Sobre o uso dessa fonte dentro da historiografia, Tânia Regina de Luca reforça o papel da História Cultural neste processo, apresentando a implosão da busca de fontes jornalísticas na década de 70, a autora também explana que:

ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica (Luca, 2014, p. 118 *apud* Souza, 2018, p. 2).

Com esta contextualização em mente, seguiremos apresentando aqui alguns periódicos publicados no território mineiro no período que nossa tese aborda. Edivaldo (2018, p. 2) explana sobre quatro em específico: *A pérola*, *O mimo*, *A camélia* e *A borboleta*. Com o apoio de sua tese tentaremos sintetizar aqui os principais pontos de cada e ressaltar a relevância de todos para nossa pesquisa.

O primeiro periódico, *A pérola*, se enquadra no contexto da fala de Buitoni (1990, p. 16 *apud* Souza, 2018, p. 2), onde a autora explana que a “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres”, e “antes que a autoria feminina protagonizasse os próprios periódicos, alguns homens da imprensa, atentos às novidades e às mudanças de costumes, se apressaram em oferecer jornais destinados às leitoras” (Cavalcante, 2017, p. 4). Isto no sentido de que o jornal em si era propriedade de um homem, Acrísio Ribeiro, e era escrito por homens,

Coelho Junior e Arthur. Com seu foco sendo no humor e literatura voltados para o público feminino (Souza, 2018, p. 3).

O periódico *O mimo* se destaca entre os aqui tratados, pois não somente era escrito por homens, mas seu caráter conservador vai além do patriarcado visto em *A camélia*, a versão de São Paulo escrita por mulheres. Como afirma Edivaldo:

Na página 2 do jornal em foco, encontra-se um texto escrito por Polyphemo Sobrinho. O texto, intitulado “A mulher”, carrega uma alta carga de rótulos. Agindo, assim, na tentativa de representar a imagem da “boa mulher” perante a sociedade. [...] Aquela mulher que se desviasse desse caminho traçado, era considerada pelo autor como a parte suja da sociedade, como alguém que não deveria ser tratada com igualdade perante as demais, as puras (Souza, 2018, p. 5).

A definição do que seria este tal *Bello Sexo*, neste caso se mostra delimitada por uma sociedade retrógrada e reacionária. Vemos aqui a atitude de um grupo no poder perante a ameaça da quebra do padrão imposto contra a mulher deste período.

A versão de *A camélia* publicada em Minas Gerais que temos acesso se difere em partes de sua contraparte paulista. Nela vemos o foco na publicação de poesias e informações sobre o que estava acontecendo na região em conjunto com o chamativo de eventos. Como podemos ver no trecho a seguir:

O sr. Rafael Camuzi. habil toureireiro, communica-nos que no proximo domingo na Largo da Matriz haverá á tarde uma esplendida corrida de Touros. As Touradas rapaziada!!! (1898, 1, p. 4).

Sendo assim, *A borboleta* se aproxima de seus homólogos paulistas, pois este periódico se destaca por ser propriedade de duas mulheres, elas sendo Maria Pinheiro Lima e Anna Pinheiro Limas. Publicado no começo do século XX, incluía também escritoras femininas em sua composição, tal como a poetisa Julia Maria da Costa. Seu conteúdo contém desde uma prosa sobre a mulher na antiguidade até um breve comentário sobre a economia doméstica brasileira (Souza, 2018, p. 8).

Com isso, podemos concluir este capítulo de nosso trabalho tendo a noção, em grosso modo, que a ideia de “vários Brasis” se mostra presente ao analisarmos estas fontes mais pessoais na questão da sociedade brasileira. Os textos deste período podem variar em sua composição e escrita, todos voltados ao *Bello Sexo*, mas alguns escritos por mulheres salientando os impasses sofridos e procurando chamar a atenção para eles, enquanto outros serviam como uma tentativa de fixar o status do grupo dominante sobre aqueles oprimidos. No próximo capítulo faremos uma análise de *A sensitiva*, enfocando em seu conteúdo e discutindo

como que eles nos possibilitam compreender mais sobre a mulher brasileira na sociedade de 1881.

3 O PERIÓDICO *A SENSITIVA* (1881)

A proposta desse capítulo é fazer uma análise do objeto central que incentivou este trabalho a ser escrito: O periódico “*A Sensitiva (1881)*”, seus contos, prosas e passagens.

O corpo do periódico é composto por uma capa que nos apresenta suas informações base, nome de seus editores e proprietários por exemplo, e duas partes que podemos definir como jornalística e literária.

Na primeira vemos o que pode ser chamado de uma tese acerca do tópico “direito das mulheres”, sendo escrita de forma clara e direta. Já na segunda o foco é voltado para a escrita nascida da Literatura, prosas e poemas são algumas das passagens vistas nela.

3.1 A coluna jornalística de *A Sensitiva*

Publicado em 18 de junho de 1881, *A Sensitiva* se declara como um “jornal litterario e recreativo consagrado ao bello sexo” (1881, 3, p. 1) ou seja, sua base de conteúdos era voltada para a leitura informativa e de lazer do público feminino. O que devemos destacar, entretanto, é o caráter abertamente feminista deste periódico, visto que já na primeira página do exemplar que temos acesso, vemos um texto discorrendo acerca dos direitos da mulher, escrito por uma autora que assina sua obra apenas como “E.”. Lê-se então:

A emancipação da mulher alem de ser um direito natural é um direito Divino. Deus ao dar a companheira que lhe pedio Adão ensinou aquelles dous ontas a amarem-se, não dando mais direito a um do que a outro. A força do direito está pois perfeitamente comparada entre homem e mulher sem profanação do que ha de mais justo e santo. A defeza dos direitos sagrados da mulher está no modo porque ella desempenha a sua missão neste mundo terraqueo de miseria e profanação. A mulher na defeza de seus direitos é mais forte do que o homem, não transige [...] (1881, 3, p. 1).

De início o que podemos perceber é um discurso altamente politizado, que utiliza do forte culto ao cristianismo da época a favor de sua tese, unindo diretamente a figura do divino com a busca da emancipação feminina. Este texto se encaixa na tese das grandes três ondas do feminismo literário brasileiro durante o século XIX, mais especificamente, na segunda leva, que segundo Duarte (2003, p. 156) “[...] surge por volta de 1870, e se caracteriza principalmente pelo espantoso número de jornais e revistas de feição nitidamente feminista, editados no Rio de Janeiro e em outros pontos do país. Talvez fosse o caso desconsiderá-la, por isso, menos literária e mais jornalística.”

“E.” continua a discorrer sobre como no período em que escreve, o homem não vê mais a mulher como sua serva que deve “executar a sua mais infima ordem” (1881, 3, p. 1) mas sim sua companheira que sofre de suas mesmas dores e se beneficia de seus prazeres. O parágrafo contém também a afirmativa de que a mulher brasileira é a quem foi entregue o dever de cuidar da educação moral dos filhos, e com isso, guiar os caminhos ao qual está fadado a seguir o ambiente doméstico (1881, 3, p.1). Uma linha de raciocínio não obstante do que pudemos ver e analisar em *A Família* no capítulo anterior, o lar sendo moldado principalmente pelas ações da matriarca. Temos então mais uma fala se relacionando com a tese de Constância Lima Duarte (2003, p. 156) já aqui mencionada.

Subsequente, vemos na fala da autora que uma questão particularmente importante para este contexto. Ela discorre que:

Na Europa a mulher occupa hoje todos os cargos que eram então desempenhados pelo homem, exopto os politicos, estudam todos os ramos da sciencia, da industria etc. e a sociedade caminha apezar dos espiritos refractarios às leis sociaes e humanas.

E não só na Europa se nota o desenvolvimento extraordinario na educação superior da mulher, na America e no proprio torrão de Santa-Cruz ha já doutoras em medicina em direito e em sciencias naturaes (1881, 3, p. 1).

Aqui podemos ver algo comum para este período da sociedade brasileira, a constante comparação com a Europa, ou seja, a “civilização”, almejando introduzir o que supostamente era o mais avançado socialmente no cenário do Brasil. (citação de fonte necessária para embasar a fala). Mesmo assim o foco permanece no contexto brasileiro, a autora não se limita em proclamar que existem profissionais do sexo feminino qualificadas, formadas no ensino superior.

A escritora termina sua fala de maneira melancólica, não deixando a esperança de lado, atacando as bases patriarcais que a oprimem, porém, reportando a realidade a qual é obrigada a presenciar. “E.” apresenta:

Caminhemos pois, sem aparato, sem ruido e provemos aos que a todo transe e por todos os meios nos negam a capacidade intellectual, que elles é quem não tem razão de existir porque só representam o sophisma herdado dos seculos obscurartistas (1881, 3, p. 1).

Podemos então confirmar que a principal ideia do periódico é a questão do gênero feminino, nesta primeira parte isto se aplica de forma mais política do que literária, mesmo assim é notável os elementos literários nas expressões e falas utilizadas por “E”. A seguir

iremos voltar nosso olhar para os outros trechos de nossa fonte, analisando seus conteúdos e identificando suas possíveis origens sociais.

3.2 A coluna literária de *A Sensitiva*

Por mais que nosso periódico possua uma parte destacada para assuntos político e sociais logo em seu início e, devido ao período em que fora publicada a sua terceira edição podemos agregá-lo a segunda leva do movimento feminista na escrita apresentada por Duarte (2003, p. 156), seu corpo principal é composto por sua coluna literária. Ela é formada por quatro segmentos: *Album Litterario*, *Folhetim*, *Chronica da Semana* e *Charadas*. Iremos discorrer nas próximas páginas os principais pontos destes trechos nas próximas páginas de nossa pesquisa.

Em primeira instância, destacamos o breve trecho de *A Noiva*, onde o protagonista se encontra lidando com o recente falecimento de sua mãe. A melancolia é demonstrada com uma fervorosa ligação com falas de teor religioso, algo presente e constante na sociedade brasileira neste período, como podemos ver nas seguintes passagens:

subio ao céu abençoando entre lágrimas o filho.
Levantou-se dos pés da cama mortuaria purificado pela dôr e santificado
pelo cruento remorso (1881, 3, p. 1).

Outro aspecto que vale ser destacado, é a naturalidade que a autora tem ao destacar pontos sócio políticos em sua narrativa. Ao contextualizar um possível interesse amoroso para seu protagonista, ela não se obste de descrever em qual meio esta personagem estava inserida. Seu pai é descrito como um senhor de engenho abastado, com suas posses sendo um destaque em todo Pernambuco, sua moradia principal tem suas características detalhadas, até o número de escravizados que possuía é mencionado. A autora nos apresenta também o que era esperado desta jovem moça, ser educada para se tornar uma senhora de respeito “com todos os quisitos primorosos que a fina sociedade requer” (1881, 3, p. 2). Dessa forma é demonstrado palpavelmente o domínio para usos, neste caso o literário, de conhecimentos sociais e políticos, vindo através de uma agente social que supostamente não poderia participar destes tópicos por não ser homem.

A *esmo* é a próxima parte que analisaremos em nossa pesquisa. Esta prosa se baseia em uma descrição romântica do nascer do sol, por exemplo, o céu é descrito como tendo “um lençol de nuvens cor de neve”, e “um véu de noiva circula toda a extensão da vista” (1881, 3, p. 2) Alice de Azevedo é a autora desta passagem repleta de metáforas romantizadas, a escritora demonstra um alto conhecimento do dicionário português, utilizando de palavras que não se

apresentam no corriqueiro de sua época. Para nossa análise, isso reforça a ideia de escritoras letradas, que mesmo em seu contexto misógino, conseguiam ir em busca da educação disponibilizada somente para homens da alta sociedade.

Vejamos a seguir alguns trechos desta obra:

Surge o sol ! O céu desprende de seu seio um lençol de nuvens cor de neve, fuge a lua sem nos enviar um só reflexo de seu clarão; um véo de noiva circula toda a extensão da vista, a folhagem orvalhada pelo bafejo da noite humedece a terra derrubando as perolas transparentes ! A relva banhada pelas lágrimas do céu, está prateada, desfaz-se o nevoeiro em neblina pelos montes, após o calor da atmosfera que se aproxima, e desaparece como a garça que a margem do regato aure estranho pé (1881, 3, p. 3).

É notável o uso de jogatinas com as palavras, utilizando de metáforas para o simples acontecimento do nascer do sol com o orvalho nas folhas das árvores. Concluimos então que a autora não só possuía um alto domínio da língua portuguesa, o que acarreta uma educação de nível equiparável a dos homens de seu contexto, mas também o conforto no uso da linguagem que somente a prática pode possibilitar.

A última parte do *Album Litterario*, nos é apresentada como o poema *És bella*, que logo abaixo do título, é sequenciado com um epígrafa de autoria de um F. Castilho, "*Pour plaire, il faut avoir upuen ed vos appas*", traduzindo do francês "Para agradar, você deve ter aumentado seus encantos". Quem veio a escrever este poema não sabemos ao certo, pois não fora assinado, mas o que podemos afirmar, é que ela/ele possuía conhecimento acerca da arte europeia.

Vejamos o poema para compreender um pouco mais esta afirmação:

A alguém

Mulher, é bella qual mimosa reza,
Que exala aromas no jardim da vida.
Qual borboleta que em florido prado
Olvida tudo pela flor querida.

Teu casto rosto e os teus lindos olhos
Tem mais beleza e tem mais encanto,
Que aquella virgem que raphael sonhou,
Que os poetas todos admiram tanto...

Teu debil corpo, tuas negras tranças,
Teu ar sereno e tua cômimosa.
Tem mais belleza, mais divino encanto,
Que a mesma Venus que se diz formosa.

Ha no teu rosto languidez sublime...
Ha no teu todo tal magia e encanto,
Que pedem d'alma adoração constante,

que pedem á lyra sublimado canto!... (1881, 3, p. 3).

Podemos afirmar a questão dita acima, pois, além do epígrafe em francês, é citada durante a escrita, que tem como objetivo exaltar sua musa em um nível de exaltação com um conho que se aproxima das Escolas Romancistas (o que poderia ser até mesmo algo relacionado a um relacionamento sáfico), a Vênus do pintor italiano Sandro Botticelli.

Continuamos nossa fala com a parte mais corpórea do periódico, sendo então a dita *Chronica da Semana*. O trecho se inicia com a autora apresentando alguém que se encobre pelo pseudônimo de *Estella*, este fato ocorre devido ao relato que esta colaboradora trouxe à tona através do periódico. Se esta narração de fato ocorrera podemos somente especular, mas a utilização de uma máscara para proteger a identidade de quem relatou o ocorrido, nos faz pensar na possível veracidade factual desta crônica.

Estella nos relata sobre um atentado ao pudor feito contra crianças dentro de uma escola, atentado este feito pelo marido da própria professora que ali exercia seu ofício. Sua indignação com o que ocorrera não é retida, demonizando este homem com suas palavras a todo momento, o chamando de “fera, autor de algo bárbaro e cínico, e alguém que não possui na língua portuguesa um adjetivo suficiente para nominá-lo” (1881, 3, p. 3) e exaltando a população local por ter repudiado e se manifestado contra este indivíduo.

O facto que mais entristeceu a familia bananalense durante a semana finda, foi sem duvida o attentado contra o pudor de inocentinhas creanças, cuja educação estava confiada à professora do sexo feminino desta cidade. Custa-nos acreditar tão hediondo attentado praticado em uma escola e pelo marido da própria professora ! Custa-nos a crer que um homem no seu próprio lar, perto de sua esposa, digna senhora, descesse o ultimo degráu da infamia para commetter tão atroz ferociade. Mas, qual seria a mãe desalmada, o pae sem pudor, que se infamasse com dito exclusivo de perseguir à um terceiro? Nenhum. O facto, pois, é infelizmente, real legitimo e verdadeiro. A féra não deixava vestigios do seu crime e por isso há quem queira endeosal-a. A população honesta e sensata desta cidade cumprio o seu dever manifestado se contra tão bárbaro e cynico attentado, para o aucthor do qual, não ha na língua portugueza adjectivo sufficiente para denominal-o (1881, 3, p. 3-4).

A autora, como podemos ver, não limita sua fala ao explicar este acontecimento, demonstrando seu ódio e indignação contra um ato nascido da misoginia enraizada em seu contexto social. Com isso, temos mais um exemplo da luta feminista na História da escrita da mulher no território brasileiro.

Dentro desta coluna é visto também a luta feminista contra escravidão, com o trecho sequencial ao agora falado. Nos é informado, com tom de tristeza devemos acrescentar, o falecimento de uma sra. Baroneza de S. Matheus aos seus 95 anos. A autora relata que em vida, Baroneza foi responsável pelo sufrágio de aproximadamente 200 escravizadas, e era a provedora de subsídios para aqueles que residiam em suas terras. Com seu falecimento, parte de sua riqueza fora doada para a criação do Lyceu das Mulheres na corte de sua cidade. O que vemos aqui é um enfoque na luta feminista não branca, pois uma mulher de renome utilizou de seus recursos para libertar mulheres escravizadas enquanto provia para elas, não as deixando a mercê da sociedade.

Ante-hontem falleceu na sua fazenda da Esperança, município de Juiz de Fora a exm. sra. Baroneza de S. Matheus na idade de 95 annos.
Durante sua vida libertou cerca de 200 escravas e era o arrimo de quanta pobreza havia nos arredores de sua residencia. [...]
Para a construcção do Lyceu das Mulheres na corte havia concorrido a finada com importante donativo (1881, 3, p. 4).

Sendo assim, podemos sem questionar definir *A Sensitiva* como um jornal feminista brasileiro. Suas autoras se propõem desde a parte mais jornalística até o conteúdo mais voltado para o literário, quebrar e expor os ideais misóginos que assolavam a sociedade brasileira naquele momento. Nele vemos a exposição de relatos sofridos pelas mulheres de forma descritiva, dentro ou fora do corpo da Literatura. As mulheres que o criaram utilizavam de sua voz para conscientizar suas companheiras, buscado então unir este sexo sob uma bandeira que lutou e luta até os dias de hoje pela igualdade entre todos os gêneros que nosso país possui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo que fora discutido aqui, podemos confirmar através de Peter Burke (2008) e Carlo Ginzburg (1989), que a História atualmente se mostra sendo uma matéria mutável e acolhedora quando tratamos de seus objetos e áreas de pesquisa. O avanço historiográfico feito pela ânsia de compreender aquilo esquecido e apagado outrora deu voz para novos grupos e agentes no âmbito da pesquisa, dessa forma trazendo à tona visões que acrescentam nas discussões sobre temas antes achados completamente compreendidos.

Neste sentido que a interdisciplinaridade com nossas matérias vizinhas entra em ação, nos possibilitando utilizar até das outras Ciências para, assim, auxiliar nosso papel como historiadores. Em específico para este projeto, podemos ver como a Literatura pode ser utilizada para traçar paralelos entre obras, autores e públicos com todo o contexto sociopolítico em que os textos em si foram escritos, como nos apresenta Valdeci Rezende Borges (2014).

Dentro deste tópico vemos a luta social de grupos ostracizados através de suas obras literárias. Desde contos e prosas, como podemos ver com Maria Firmina dos Reis, até com livros extensos e publicados, com Jane Austen por exemplo, todos textos utilizam dos preceitos enfrentados por estas minorias perante as elites que as menosprezavam e oprimiam (Silva, 2020).

No Brasil, por mais que possua suas particularidades durante o período que consta o século XIX, as ocorrências envolvendo o meio literário como veículo de voz se encontram firmes e contantes. A questão feminina apresenta sua força em partes com a série de periódicos voltados ao dito *Bello Sexo*, jornais feitos por e/ou para mulheres que mostravam em seus conteúdos os mais variados temas, mas todos ligados ao corriqueiro da mulher (Souza, 2018).

A Camélia, A Família e A Pérola (Cavalcante, 2017) são alguns exemplos destes exemplares. Textos publicados com o intuito de dar através da escrita um local de fala para mulheres, dando assim um respaldo sobre como este agente social se portava ou deveria se portar perante as mudanças que vieram com a Proclamação da República brasileira, e com as mudanças que vieram com este ato.

Com o exemplar analisado de *A Sensitiva* analisado, conseguimos ver desde seu início a luta de suas autoras pelos direitos das mulheres, onde é proclamado que “A emancipação da mulher além de ser um direito natural é um direito Divino”. A discussão não se torna defasada mesmo com os contos do jornal, onde as protagonistas se encontram sendo mulheres, tendo todo foco e desenvolvimento que era dado para suas contrapartes masculinas. Vemos através

destes pedaços de mídia uma das formas que a luta feminista agia no Brasil, e podemos destacar sua importância dentro deste embate que perdura até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA GOMES, Angélica Aparecida. **A escrita marginal de Carolina Maria de Jesus e as relações possíveis entre História e Literatura**. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Campos de Coxim, 2021.
- BORGES, P. D. V. R. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora. 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação Das Almas: O Imaginário Da República No Brasil**. Companhia das Letras, 1990.
- CAVALCANTE, Caroline Pazini. **Hemeroteca do Ignoto: As vozes das mulheres nos jornais A família e A camélia**. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2017.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p.151-172, set. 2003.
- DUARTE, Constância Lima. **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais raízes de um paradigma indiciário**. In. Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
- LESSA, Renato. **A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República Brasileira**. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.
- PINTO, Adriana Aparecida. **Contribuições da imprensa periódica especializada para os estudos da História da educação: a revista A Eschola Publica e as disputas pela hegemonia do campo educacional paulista (1893-1897)**. Fronteiras, Dourados, MS, v.10, n.18, jul./dez. 2008.
- SILVA, J. B. da. **Uma escrita feminina: “Orgulho e Preconceito” e as relações entre História e Literatura através de Jane Austen**. Sergipe, IX encontro dos pesquisadores iniciantes das humanidades, UFS, 2020.
- SOUZA, E. R. de. **O “Bello Sexo”: Uma breve análise de fragmentos jornalísticos mineiros dedicados as mulheres no final do século XIX**. Jamaxi, 2018.

TAVARES, E. D. A. . **Literatura e História no romance feminino do século XIX - Úrsula.**
In: XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura. Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, 2007, ILHÉUS-BA. ANAIS DO SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA, 2007.

FONTES

A Sensitiva, Bananal, SP, ano 1 n. 3, 18 de julho de 1881, em formato microfilme, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.